

LONGROIVA, UM EXEMPLO DAS CONEXÕES CIDADE-CAMPO

--

LONGROIVA, AN EXAMPLE OF CITY-COUNTRY CONNECTIONS

Helena PINA

CEGOT, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal
helenapina@netcabo.pt

Felisbela MARTINS

CEGOT– Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal
felisbela.martins@gmail.com

Lúcio CARRAMILLO

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil
carramillo@gmail.com

Resumo

As relações cidade-campo são históricas e visualizam-se através de atividades e fluxos como os associados à produção e comércio dos produtos agrícolas, mas também a outras atividades decorrentes das potencialidades endógenas e de conexões com os territórios envolventes, sobretudo com os meios urbanos, os principais consumidores.

Por outro lado, como os espaços rurais não são estáticos, as alterações sucedem-se, interferindo nestas dinâmicas as acessibilidades, os fluxos demográficos ou, mais recentemente, o mundo digital. Na realidade, e independentemente da tipologia de cenários e do respetivo potencial agronómico e patrimonial, alteram-se as relações cidade-campo, intervindo múltiplos agentes, públicos e privados, locais, regionais e nacionais, ou mesmo internacionais. É neste contexto que se analisa o meio rural e a sua modernização/preservação, mas numa perspetiva holística que abarca todas as potencialidades autóctones, incluindo as termas. Na verdade, elas também refletem as relações cidade-campo, já que esta atividade, que era classificada como medicinal, modernizou-se, anexando a vertente do lazer e do bem-estar. Tal exigiu uma mutação estrutural, mas também funcional e estética. Em simultâneo, difundiram-se os produtos agrícolas locais através dos membros da diáspora, mas também dos frequentadores do Spa, dos visitantes. As relações urbano-rurais são, de facto, polifacetadas, favorecendo a revitalização destes espaços periféricos, bem como as (re)conexões territoriais, sobretudo com o mundo urbano. É o caso das Termas e Spa de Longroiva (NE de Portugal), aqui analisado.

Palavras chave: Turismo de saúde e bem-estar; revitalização termal; Longroiva; conexões urbano-rural; desenvolvimento territorial

Abstract

The complex, historical relationships between city and countryside can be analysed based on activities associated to the production and trade of agricultural products. However, other activities may also arise related to the endogenous potential and resources of rural areas, as well as the connections with neighbouring territories, especially with urban areas, their main consumers.

Rural spaces are not static as they have experienced profound changes. They have been particularly affected by issues such as access routes, demographic flows and, more recently, the digital world. Regardless of the circumstances and the agronomic potential and heritage of these spaces, city-countryside relationships have changed, involving the intervention of multiple agents at several levels, whether public or private, local, regional, national, or even international.

This paper intends to analyse the rural environment and its modernisation/conservation, but from a holistic perspective that encompasses all its autochthonous potentialities, including its thermal resources. Indeed, thermal baths also reflect city-countryside relationships, since this activity, once classified as medicinal, has been modernised and expanded to include leisure and wellness. Such a strategy required not only structural transformations, but also functional and aesthetic changes. At the same time, local agricultural products have been disseminated by members of the Portuguese diaspora, as well as spa clients and visitors. Urban-rural relationships

are multifaceted, favouring the revitalisation of these peripheral spaces and closer territorial (re)connections, especially with the urban world. This is the case of the Longroiva Thermal Baths and Spa (NE Portugal), which will be analysed in this paper.

Keywords: Health and wellness tourism; thermal renewal; Longroiva; urban-rural connections; spatial development

1. Introdução

Desde sempre existiram relações entre o campo e a cidade. Estas relações são multifacetadas e indeléveis, emergindo das múltiplas atividades e fluxos relativos à produção e comércio dos produtos agrícolas, mas também de outras atividades que se geram no mundo rural e que possibilitam a conexão destes territórios com os restantes, sobretudo com os meios urbanos, os principais consumidores. São atividades de diferentes carizes e que, associadas à revitalização de potencialidades endógenas, geram mais-valias para os autóctones, que são adicionadas às resultantes das atividades agrícolas.

Neste contexto, no presente artigo, vamos analisar o caso das atividades termais, através do exemplo das Termas e Spa de Longroiva. As atividades termais têm vindo efetivamente a sofrer mutações ao longo dos tempos, passando das funções meramente medicinais e curativas para, nos nossos dias, adicionarem o lazer, o lúdico e o bem-estar, que é procurado sobretudo pelos habitantes urbanos, para contrariar o seu modo de vida muito cansativo.

As Termas e Spa de Longroiva situam-se na freguesia do mesmo nome, no município da Mêda, no NE de Portugal. Têm um longo historial termal e hoje, após uma profunda revitalização de infraestruturas associadas a um recurso endógeno não agrícola, têm vindo a atrair uma população que proporciona mais-valias para a população local/residente.

Para levar a cabo este nosso estudo, começamos por fazer uma breve revisitação ao discurso teórico sobre as relações cidade-campo. Depois, apresentamos a metodologia, seguida de um breve enquadramento de Longroiva e da sua história termal. Este estudo está, neste momento, ainda numa fase inicial, pelo que vamos terminar apenas com algumas considerações finais, esperando que em breve seja possível dar a conhecer resultados mais abrangentes.

2. Revisitando conceitos sobre as relações cidade-campo

As relações cidade-campo têm um longo historial. Elas são diversas, multifacetadas e variam de acordo com o cenário paisagístico e o invólucro social e cultural existente (Rienks, 2008; Rosset, 2013; Woods, 2015). São, também, indeléveis, sendo detetáveis através de uma miríade de atividades e fluxos, como os associados à produção e comércio dos produtos agrícolas (Berger, 2017; Morgan e Sannino, 2010; Westlung, 2017), mas também de outras atividades de diferentes origens, que se geram e que conectam estes territórios com os restantes. Tal concretiza-se, por exemplo, através da revitalização de atividades interdependentes das potencialidades endógenas, que geram “*incomes*” para os residentes, para além da sua sobrevivência, e, obviamente, incrementam as referidas ligações

com os territórios envolventes, sobretudo com os meios urbanos (Calway, 2012; Morgan e Sannino, 2010).

Por outro lado, se tratando de espaços estáticos, as alterações/adaptações sucedem-se ao longo dos tempos (Ilbery, 1998; Woods, 2011), interferindo nestas dinâmicas as acessibilidades, os fluxos demográficos ou o mundo digital. Na realidade, e independentemente do potencial agronómico e patrimonial destes territórios, alteram-se as relações, a conectividade, incluindo nestes processos múltiplos agentes, públicos e privados, locais, mas também regionais e nacionais, ou mesmo internacionais, (re)surgindo distintas atividades (Cawley, 2008; Shucksmith, 2010; Mathieu, 2017).

É neste contexto que se deve observar o meio rural e a sua modernização/preservação, numa perspetiva holística, responsável, que inclua as potencialidades endógenas, para além das agrícolas, como se pode exemplificar com as termas (Hall et. al, 2003; Pina, 2018). Na verdade, estas atividades também refletem as relações cidade-campo, sofrendo de igual modo mutações ao longo dos tempos, pois, de atividade medicinal, curativa, modernizou-se anexando-lhe o lazer, o lúdico e o bem-estar, cada vez mais solicitados pelos urbanos como um antídoto ao seu modo de vida stressante. Trata-se de uma mudança de paradigma. Assim, transformam-se os antigos balneários termas em termos estruturais, funcionais e estéticos, adicionando aos tradicionais tratamentos curativos, o Spa e outras infraestruturas. Estas remodeladas instalações são agora frequentadas durante todo o ano sobretudo por cidadãos, nacionais e estrangeiros, mas já numa ótica de prevenção médica e de bem-estar. Com esta mudança, (re)despertam também outras atividades. Por seu intermédio, por exemplo, difundem-se os produtos agrícolas locais, biológicos, através dos aquistas e dos membros da diáspora, ou integrados na ementa dos restaurantes instalados nas unidades hoteleiras de apoio aos visitantes/aquistas.

As relações urbano-rurais são, de facto, polifacetadas (Chaléard et. al, 1999; Berger, 2017; Krol et. al, 2012; Westlund, 2017; Woods, 2005) mas, indiscutivelmente, atividades como as termas favorecem a revitalização de espaços antes em declínio, bem como as (re)conexões quer entre os autóctones, mas, sobretudo, com o mundo urbano, o principal utilizador destas estruturas (Woods, 2011; Calway, 2012; Pahnke et. al, 2015; Cawley, 2008). As termas favorecem, na verdade, a revitalização de espaços rurais periféricos, bem como as (re)conexões territoriais, como é o caso das Termas e Spa de Longroiva (NE de Portugal), localizadas na Região Demarcada do Douro (Pina, 2017).

3. Metodologia

Centrando o nosso estudo nas Termas e Spa de Longroiva, pretendemos dar a conhecer problemáticas relacionadas com a multiplicidade de relações entre a cidade e o campo. Para isso, adotamos uma metodologia qualitativa e quantitativa, conjugando a pesquisa e análise de documentação bibliográfica, estatística e cartográfica, com a consulta de *sites* das entidades responsáveis pelo desenvolvimento regional e pelas dinâmicas agrícolas e turísticas em espaços rurais. Foi ainda realizado um amplo trabalho de campo, que implicou a concretização de entrevistas semiestruturadas aplicadas a diversos agentes com capacidade interventiva no desenvolvimento local,

mas também a aquistas e frequentadores do Spa. Assim, obtivemos o perfil sociocultural dos questionados, as suas motivações e contactos com o quadro paisagístico, económico e patrimonial que os envolve, bem como as interconexões existentes entre os diferentes atores e as suas implicações no desenvolvimento local. Salientamos que privilegiamos as questões relacionadas com as termas e Spa, mas sem esquecer a estrutura agrícola e a sua relação com o desenvolvimento local, numa ótica responsável, sustentável.

4. Longroiva e as suas Termas e Spa nas relações cidade / campo

4.1. Breves notas de enquadramento

Como já referimos, o estudo que aqui damos a conhecer incide na freguesia de Longroiva (Figura 1), com apenas 41,22 Km², que se integra no concelho da Mêda. Em Longroiva são visíveis múltiplas potencialidades, mas também são evidentes obstáculos ao seu desenvolvimento.

Parte integrante da Região Demarcada do Douro (RDD), implantada num solo xistoso, aqui se produzem vinhos de excelente qualidade, como é o caso do Vinho do Porto e outros, ou o azeite, referenciados desde a antiguidade, com características que os distinguem das outras regiões de Portugal. Em complemento, nas pequenas hortas e nos espaços não direccionados à produção vitícola, obtêm-se produtos hortícolas de grande qualidade, produzidos de acordo com o modo de produção biológica. Longroiva possui também um património paisagístico, arquitetónico, gastronómico e cultural soberbos (Pina, 2017, 2018) - Figuras 2 e 3. Na realidade, a História deixou vestígios que recuam ao período romano, como é o caso da sua ponte, mas também de outros períodos, como o demonstra a sua Igreja Matriz, que é medieval, ou o Pelourinho e o Castelo, entre outros (Rodrigues, 2002).



Figura 1 – Localização da Região Demarcada do Douro e das Termas de Longroiva.



Figura. 2 – Longroiva e a Igreja matriz.

Fonte: J. F. Longroiva.

Mas, apesar das múltiplas potencialidades, os obstáculos ao seu desenvolvimento persistem, ou agravam-se mesmo, nomeadamente os de índole sociocultural. Esta tendência é inegável desde a década de cinquenta do século XX, colocando em causa a preservação paisagística e patrimonial local, sobretudo se, ao declínio demográfico adicionarmos o envelhecimento estrutural dos residentes e a descapitalização dos pequenos vitivinicultores. Proprietários de explorações agrícolas de cariz familiar, são, no entanto, os dominantes na estrutura económica local. Por seu lado, a deficiente estrutura fundiária das explorações agrícolas, a escassa mecanização e a débil formação técnica dos agricultores, apesar de registarem melhorias, são de igual modo insuficientes (Pina, 2013, 2017).



Figura. 3 – Castelo de Longroiva.

Fonte: J. F. Longroiva.

Freguesia onde é visível, de facto, um intenso declínio populacional, aqui se multiplicam também os abandonos dos espaços agrícolas não vitícolas (Pina, 2013). Para percebermos melhor o cenário local, sobretudo o social, pois é a população local que efetivamente preserva o património endógeno, apoiamo-nos nos Recenseamentos Gerais da População (INE). Segundo estes Censos, Longroiva, desde meados do século passado, tem vindo a perder população. Na verdade, se em 1900 albergava 964 habitantes, (Figura 4), na sequência da dinamização das termas e das atividades agrícolas, atingiu o seu auge em 1940, quando se recensearam 1261 habitantes.

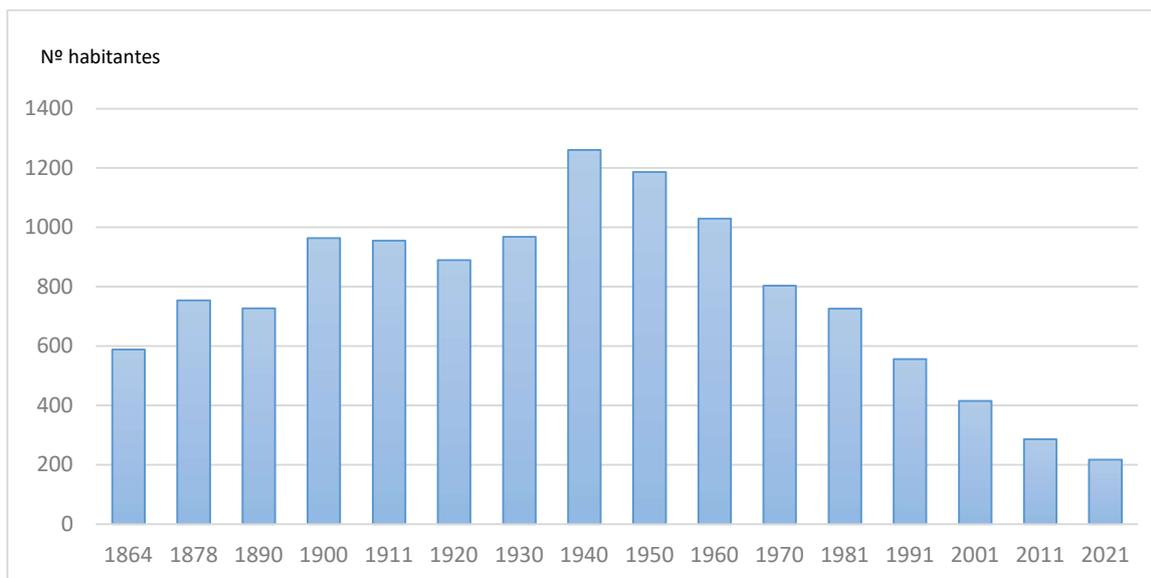


Figura 4 – Evolução da população residente em Longroiva (1864- 2021).

Fonte: Rec. Gerais da População, INE. Elaboração própria.

Desde então, iniciou-se a recessão demográfica, sendo particularmente acentuada desde a década de sessenta do século passado, na prossecução de amplos fluxos migratórios direcionados para os principais núcleos urbanos portugueses, mas também para o espaço europeu. Neste contexto, em 2001, apenas persistiam 416 residentes e na década seguinte 286. Só na última década, aqui se registou um declínio de 31,2%, um dos mais significativos desde que existem registos oficiais. Há ainda a salientar que, segundo os Censos de 2021, na freguesia de Longroiva se recensearam 218 habitantes. Não obstante, apesar de se registar um decréscimo da população, parece-nos evidente que houve um abrandamento dessa tendência.

Estamos perante um local igual a tantos outros do interior do país, com uma população envelhecida e em recessão demográfica. Apesar deste cenário, têm vindo a surgir algumas iniciativas locais, diversificadas, que abarcam a reestruturação e mecanização dos vinhedos, onde se aposta em vinhos de elevadíssima qualidade, que incluem tanto os não licorosos como os DOC regionais, com a designação do nome da quinta. São muito apreciados pelos consumidores em geral, mas sobretudo pelos colecionadores e pelos membros da diáspora. Tem-se também dinamizado a vertente turística, proporcionando o surgimento de unidades de turismo em espaço rural (Pina e Queiroz, 2017), enquanto se redescobre e se recupera o património histórico. Criaram-se ainda trilhos

temáticos e outras iniciativas no sentido de reverter, efetivamente, o declínio demográfico e revitalizar o setor vitícola (Pina e Teixeira, 2017), o sustentáculo económico de Longroiva.

4.2. As atividades termais: alguns aspetos evolutivos

Embora fulcrais, as iniciativas já referenciadas são insuficientes, razão pela qual se adicionou às estratégias existentes, outras como o termalismo, antes subalternizado. Tal implicou, para além da existência dos recursos termais, equipamento e serviços específicos, pois anteriormente as estâncias termais estavam apenas associadas aos atos médicos e terapêuticos. Na atualidade, porém, a necessidade de dinamizar estes espaços, impulsionou as atividades termais. Aliás, são vários os grupos sociais que sustentam esta nova dinâmica, embora alicerçada sobretudo na vertente lúdica. Permanece, contudo, a valência médica e terapêutica, mas em lugar sublaterno e com maior incidência entre a população local e regional. Aos grupos anteriores, fortes dinamizadores do termalismo, acrescentam-se os turistas urbanos, ou ainda os membros da diáspora e outros que privilegiam a vertente lúdica/preventiva.

É inquestionável o impacto da flexibilização dos atos médicos, facto que, adicionado ao lazer e à prevenção da doença, ou ainda, e cada vez mais, à aquisição do bem-estar físico e psíquico, induziram a uma alteração total do anterior paradigma, surgindo com isso o turismo de saúde e bem-estar como uma componente do desenvolvimento territorial, de revitalização dos espaços rurais em declínio.

Assente em quatro pilares fundamentais (médico, termal, bem-estar e sénior), o turismo de saúde e bem-estar pode corresponder, de facto, a um dos motores do desenvolvimento regional. Mas, para a sua implementação, exigem-se recursos humanos, estruturais e logísticos de qualidade, bem definidos legal e medicamente, como se descobre na legislação subjacente à sua instalação e laboração. Recordemos, a título de exemplo, o Dec-Lei nº 142/2004, de 11 de junho, o Dec-Lei nº 186/2015 complementados ainda com o Despacho nº 1443/2016, de 29 de novembro, que incluem as normativas que sustentam a sua implementação e continuidade.

Não sendo consensual a definição de Turismo de Saúde e Bem-estar, sobremaneira no que se refere ao Bem-Estar, observam-se diferentes abordagens ao longo dos tempos, se bem que adquirindo um efetivo realce em Portugal, como se constatava no PENT (Revisão e Objetivos 2013-2017). Foi considerado, então, como um produto estratégico, agregando o “Turismo de Saúde” a componente médica, o termalismo, o spa e a talassoterapia (Turismo de Portugal, 2013). Este desiderato mantém-se presente nos Objetivos Estratégicos 2030 (Turismo de Portugal, 2017). Assim se revitalizaram as águas termais de Longroiva.

Freguesia implantada no complexo xisto-grauváquico dúrico-beirão (Dias *et al.*, 2013), Longroiva insere-se num espaço geomorfológico muito complexo, onde emergem águas minerais e de nascente relacionadas com grandes acidentes tectónicos, nomeadamente a falha de Manteigas-Vilariça-Bragança, Figura 5 (Lourenço, 2017). Neste contexto, surgem as águas sulfúreas, sódicas, bicarbonatadas e fluoretadas que encontramos na região duriense e, neste caso, em Longroiva.

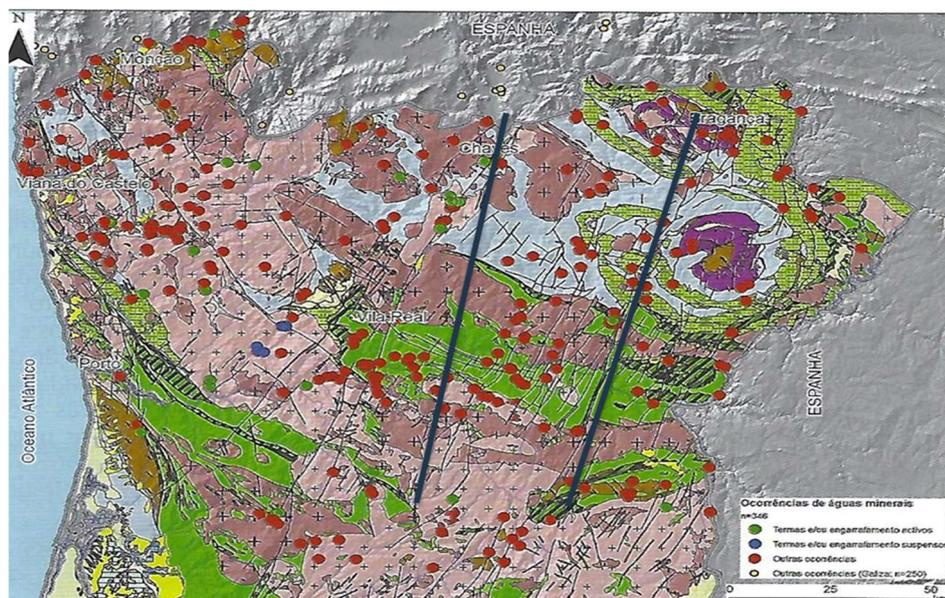


Figura 5 - Ocorrência de Águas Minerais e Termas no Norte e Centro de Portugal.

Fonte: Cortez, 2017, 130.

As águas termais de Longroiva foram desde sempre utilizadas para banhos. A título de exemplo, refira-se que terão sido usadas pelo homem pré-histórico e pelos romanos que se instalaram no castro de Longobriga (Saraiva, 1999). Já na Idade Média, as termas pertenceram primeiro à Ordem dos Templários, e após a sua extinção, à Ordem de Cristo, durante o reinado de D. Dinis¹ (Rodrigues, 2002). Supõe-se que o balneário medieval era muito simples, rudimentar mesmo, não sendo muito diferente do balneário romano. Segundo Saraiva (1999) era composto por dois tanques (um para homens e outro para mulheres), cobertos por colmo, cenário que assim continuaria até ao século XIX, quando se construiu o primeiro edifício termal digno desse nome. Entretanto, à semelhança do balneário romano, o medieval continuou a ter dois tanques em que os banhistas se sentavam no interior, em bancos de pedra. Estrutura simples, ainda assim a sua construção só foi possível com as esmolas dadas à Senhora do Torrão, adicionadas ao rendimento dos banhos, que eram pagos exclusivamente pelas pessoas de fora².

As grandes transformações estruturais surgiram, de facto, no século XIX, como se comprova com as múltiplas referências documentais, visíveis nos registos sobre as termas de Longroiva, sobre as capacidades curativas das suas águas termais. Neste contexto, a Câmara Municipal da Meda construiu um edifício termal, segundo um “projeto moderno” (1878-1881), com a ajuda da população local (Figura 6), que, desde sempre, utilizava as termas e ia a banhos sem qualquer pagamento.

Apesar deste longo historial, só recentemente estas águas e as suas termas foram reconhecidas em termos oficiais, sendo indicadas para o tratamento e prevenção de problemas músculo-esqueléticos

¹ Diz a lenda que a Rainha Santa Isabel, vinda de Aragão, a caminho de Trancoso, para o seu casamento com o rei D. Dinis, terá tomado banho nestas águas (Rodrigues, 2002).

² As festas em honra de Nossa Senhora do Torrão perpetuaram-se, prosseguindo nos dias de hoje e atraindo muitos forasteiros. Concretizam-se sempre a 8 de setembro.

reumáticos, respiratórios e dermatológicos. Nestas circunstâncias, no século XX, as antigas instalações foram transformadas num balneário sob exploração pública.

Os registos demonstram a evolução que esta estrutura termal sofreu ao longo dos tempos, sobretudo nas últimas décadas, como foi corroborado pelos relatos dos anteriores responsáveis pelo balneário. Segundo Dona Maria da Luz Lemos, a anterior responsável pela exploração do Balneário Termal, instalado num edifício de dois pisos (Figura 6), o serviço de banhos medicinais realizava-se no piso térreo, ultrapassando os 300 banhos diários, no início do terceiro milénio. Segundo a mesma fonte, nesta época, os aquistas eram residentes locais ou da região, conhecedores dos poderes curativos destas águas termais. Eram maioritariamente agricultores, acompanhados pelos seus familiares, ou, desde os anos oitenta, também pelos descendentes instalados nos grandes núcleos urbanos, que vinham usufruir dos banhos termais. Aqueles que não possuíam raízes familiares na freguesia alugavam quartos em casas particulares, ou instalavam-se no piso superior do edifício termal, compartimentado para acolher os aquistas para 10 a 15 dias de banhos medicinais. O quadro laboral, sazonal, era constituído por 3 ou 4 trabalhadores locais, a que se juntavam o médico e os responsáveis.

Na sequência da anulação dos subsídios oficiais que os aquistas recebiam, durante a crise económica de 2008, a generalidade das Termas (ou Balneários Termais) sofreu uma forte recessão, entrando em decadência. Foi o que sucedeu a Longroiva, chegando mesmo as suas termas a encerrarem.



Figura 6 – O antigo edifício das Termas de Longroiva (1999).

Fonte: http://www.aguas.ics.ul.pt/guarda_longroiva.html

Havia que alterar esta situação e tal surgiu, adicionando a juventude e empreendedorismo do presidente da Junta de Freguesia, conhecedor e entusiasta da história e património local, a investimentos privados, no Hotel Rural de Longroiva e nas Termas. Este investimento foi concessionado à “Natura Empreendimentos S.A.”, pensando na dinamização das termas. Com 44 quartos, tem um enquadramento que conjuga a ruralidade com a tradição, em perfeita sintonia com a

paisagem, já que as estruturas termais atraem muitos visitantes e turistas, para além dos membros da diáspora e dos aquistas. Assim se transformou o antigo balneário gerido pela Junta de Freguesia e aberto apenas entre maio e outubro, nas Termas de Longroiva – Spa e Hotel, um ECO HOTEL (Figuras 7 a 9) com aquecimento térmico próprio (geotérmico) e utilização de madeiras e materiais locais na construção e decoração. Emprega cerca de 50 trabalhadores, jovens e com formação, alguns dos quais locais. Encontram-se abertos durante todo o ano, embora atingindo o seu auge no período estival.

Resta acrescentar que, nesta conjuntura, desde 2016, data em que esta unidade iniciou funções, dilatou-se aceleradamente a afluência de turistas provenientes sobretudo das áreas metropolitanas de Lisboa e Porto, mas também das capitais distritais mais próximas e do norte e centro do país. Correspondem, na maioria, a casais jovens ou adultos (25 a 50 anos), com ou sem filhos, com formação superior, da classe média ou média/alta. A este grupo juntam-se os emigrantes que, quando visitam os familiares, usufruem das infraestruturas existentes, descomprimindo do stress citadino, da poluição urbana. Estes integram-se nos grupos etários mais avançados (50 a 70 anos) e privilegiam os habituais tratamentos termais preventivos. Por último, há que referenciar os estrangeiros, maioritariamente espanhóis, com um perfil muito idêntico ao dos turistas portugueses provenientes das áreas metropolitanas.

Com o aumento de número de frequentadores, em especial no que diz respeito aos que procuram as instalações por razões de lazer e bem-estar, aumenta a procura por produtos e serviços. Assim, se revitaliza o comércio de produtos locais, com realce para os vinhos, azeite e frutas, mas também as festas da Senhora do Torrão. Acresce que os amantes da natureza, para além de desfrutarem da paisagem no conforto do hotel, têm agora acesso aos percursos pedestres temáticos, que se têm vindo a desenvolver na região.



Figura 7 – O Hotel Rural de Longroiva.

Fonte: termascentroblog.pt/a-historia-e-as-lendas-das-aguas-de-longroiva-ja-vem-do-tempo-dos-romanos/



Figuras. 8 e 9 – Equipamento e polo termal de Longroiva. Fonte: Câmara Municipal da Meda.

Assim se recupera património e se revitaliza o setor agrícola, ainda o sustentáculo económico de Longroiva, adicionando às atividades agrícolas, sobremaneira as vitícolas, o setor turístico (hotel rural, unidades de turismo em espaço rural e mais recentemente, o alojamento local) e o termal. Neste contexto, observa-se efetivamente um redespertar do quadro económico e social local.

5. Conclusão

Embora Longroiva se integre na Região Demarcada do Douro e possua águas termais, correspondendo a uma freguesia rural periférica, desde os anos sessenta do século XX, entrou em declínio, notório em termos demográficos e económicos. Degradava-se também o seu património histórico e cultural, aspetos atenuados durante o período termal (maio - outubro). Na sequência da interrupção dos subsídios oficiais atribuídos aos tratamentos médicos termais e à falta de manutenção, além da alteração dos normativos legais que obrigavam a transformações arquitetónicas e técnicas vultuosas, o edifício termal encerrou. Estávamos no início do terceiro milénio.

Havia que alterar este cenário porque se estava perante um enorme potencial para o desenvolvimento local e regional, no entanto, tinha de ser devidamente organizado e apoiado num marketing aguerrido. E tal aconteceu. Após intervenção municipal, renovaram-se e modernizaram-se as instalações termais, anexando-lhe agora um ECO-HOTEL, adjudicado à iniciativa privada. A empreitada iniciou-se em 2013, surgindo, três anos mais tarde, um polo de turismo de Saúde e Bem-Estar extremamente apelativo e moderno.

Neste contexto, fidelizou-se a diáspora portuguesa, mas também a população regional, para além da *stressada* população urbana (Berger, 2017; Kroll et. al, 2012) e, ainda, os estrangeiros, sobretudo espanhóis, dada a proximidade à fronteira e a nítida melhoria das acessibilidades. Em simultâneo, revitalizou-se o comércio dos produtos agrícolas locais e outras atividades associadas aos turistas termais, mas também aos frequentadores do Spa, em busca de algo que mitigue o stress diário, pois aproveitam para adquirir estes produtos, biológicos, saudáveis.

Por outro lado, possibilita-se a manutenção de sistemas agroalimentares tradicionais e o aumento do rendimento dos agricultores locais (Pina, 2017, 2018). Acrescem ainda iniciativas mais estruturadas e capitalizadas, como o turismo em espaço rural, entrando no circuito novos atores e inovações, como a produção de vinhos e azeites biológicos, que se vendem aos hóspedes,

frequentadores do Spa. São novas interligações entre produtores locais e consumidores urbanos. Recentemente, criaram-se também condições para a confeção de cabazes com produtos locais (vinhos, azeites, fruta, compotas, queijos, artesanato, ...) que divulgam e dinamizam o concelho e as Termas / Spa, o que corresponde a outro meio para revitalizar espaços rurais como Longroiva.

O apoio do poder político local também não se pode negligenciar (Mathieu, 2017), divulgando e potenciando o património local (trilhos temáticos, cartazes alusivos a períodos festivos, etc.), para além do termalismo e do turismo de saúde e bem-estar. Felizmente, consolida-se uma nova abordagem dos espaços rurais e a suas conexões com os núcleos urbanos, onde a saúde se conjuga com o bem-estar, enquanto se reavivam estes territórios. Nestas circunstâncias, o Termalismo e o Turismo de saúde e bem-estar correspondem ainda a mais uma componente que induz à redução da sazonalidade turística em Longroiva e, obviamente, na Região Demarcada do Douro (Grobel et al, 2019; Jollife & Farnsworth, 2003; Pina et. al, 2020).

Bibliografia

- BERGER, M., CHALÉARD, J. (2017). Villes et campagnes en relations, regards croisés Nord-Sud. L'Harmattan, 299 p.
- CAWLEY, M. e GILLMOR, D. (2008). Integrated Rural Tourism: Concepts and Practice, *Annals of Tourism Research* 35 (2), 316-337.
- CALWAY, M. (2012). Networks and Networking in Rural Tourism: Irish Evidence, in Changing Rural Spaces, *Horizons in Geography*, University of Haifa, Israel, vol. 81-82, 69-82
- CHALÉARD, J., e DUBRESSON, A. (Eds.). (1999). Villes et campagnes dans les pays du Sud: géographie des relations. KARTHALA Editions, Paris, 258 p.
- CORTEZ, J. (org.) (2017). Águas Minerais Naturais e de Nascente na Região Norte, Mare Liberum, Aveiro, 550 p.
- GROBELNA, A. e SKRZERZEWSKA, K. (2019). Seasonality: is it a problem or challenge facing future tourism employment? Implications for management, *Journal of Entrepreneurship, Management and Innovation*, vol. 15, Issue 1.
- HALL, D., ROBERTS, L., MITCHELL, M. (eds.) (2003). New Directions in Rural Tourism, Lesley Roberts, Derek, Mitchell Morag, 259 p.
- HALL, S. (ed) (2003). Representation: Cultural Representations and Signifying Practices, Sage Publications; London, Thousand Oaks, New Delhi, 78 p.
- ILBERY, B. (ed.) (1998) The Geography of Rural Change, Addison Wesley Longman Limited, Harlow, 280 p.
- JOLLIFE, L. e FARNSWORTH, R. (2003). Seasonality in tourism employment: human resource challenges, *International Journal of Contemporary Hospitality Management*, vol. 15, 312- 316.
- LOURENÇO, C. (2017). Classificação das Águas Minerais Naturais e de Nascente engarrafadas na Região Norte, in Cortez (org.) *Águas Minerais Naturais e de Nascente na Região Norte*, Mare Liberum, Aveiro, 33-48.
- KROLL, F., MÜLLER, F., HAASE, D. e FOHRER, N. (2012). Rural-urban gradient analysis of ecosystem services supply and demand dynamics. *Land use policy*, 29(3), 521-535.
- MATHIEU, N. (2017). Les relations Villes Campagnes. Histoire d'une question politique et scientifique. L'Harmattan, Paris, 240 p.

- MORGAN, K. e SONNINO, R. (2010). The urban foodscape: world cities and the new food equation. *Cambridge Journal of Regions, Economy and Society*, 3(2), 209-224.
- PINA, H. (2013). The Rural population of the Douro region (Portugal): a problematic situation, in *Geographical Sciences and Education*, Conference Proceedings, Dermendzhieva, S. et. al (eds.), Konstantin Prelavsky University of Shumen, Shumen, 126-143
- PINA, H. (2017). A crise económica na Região Demarcada do Douro: algumas estratégias de sobrevivência e dinamização no setor turístico”, in *The Overarching Issues of the European Space - Society, Economy and Heritage in a Context of Greater Territorial Cohesion*, Pina, H. and Martins, F. (Eds), FLUP, Porto, 21-29.
- PINA, H. e TEIXEIRA, P. (2017). Le territoire, l'innovation et la tradition, triptyque essentiel pour le développement de la région du Douro”, in *Les campagnes européennes :espaces d'innovations dans un monde Urbain*, Margetic, C. et. al (dir.), Presses Universitaires du Midi, Toulouse, 67-87.
- PINA, H. e QUEIROZ, J. (2017). Rural Tourism and the development of the Douro Demarcated Region (NE Portugal): a strategy to promote”, in Proceedings *Le viticulture estreme: valori, bellezze, alleanze, fragilità / Extreme viticulture: values, beauties, alliances, vulnerabilities*, CERVIM, Conegliano, Veneto– Italia, 140-149.
- PINA, H. (2018). The Douro landscape heritage (NE Portugal): modernity and tradition in times of change, *Miscellanea Geographica Regional Studies on Development* Vol. 22 Nº. 2, 81-89.
- PINA et al. (2020). Seasonality in tourism: trends and good practices in Rio de Janeiro, Shumen and The Douro Demarcated Region, *Socio Brains*, University of Shumen, Issue 70,81-90.
- RIENKS, W. (ed.) (2008). The future of rural Europe: An anthology based on the results of the Eururalis 2.0 scenario study, Wageningen University Research and Netherlands Environmental Assessment Agency, Wageningen.
- RODRIGUES, A. (2002). Terras da Mêda – natureza, cultura e património, Câmara Municipal da Mêda, Mêda, 536 p.
- ROSSET, P. (2013). Re-thinking agrarian reform, land and territory in La Via Campesina. *The Journal of Peasant Studies*, Vol. 40, No. 4, 721-775.
- SARAIVA, J. (1999). O Concelho da Meda. 1838-1999. Edição da Câmara Municipal, Livraria Varadero, 371 p.
- SHUCKSMITH, M. (2010). Disintegrated Rural Development? Neo-endogenous Rural Development, Planning and Place-Shaping in Diffused Power Contexts, *Sociologia Ruralis* 50 (1), 1-14.
- TEIXEIRA, F. (2012). O termalismo na Região Norte, in *Águas Minerais Naturais e de Nascente na Região Norte*, Mare Liberum, Aveiro, 526 p.
- TEIXEIRA, F. (2017). O termalismo na Região Norte, in *Águas Minerais Naturais e de Nascente na Região Norte*, Mare Liberum, Aveiro, 155-194.
- WESTLUND, H. (2017). Urban-rural relations in the post-urban world. In *The Post-Urban World*. Routledge, 70-81.
- WOODS, M. (2005). Rural Geography: Processes, Responses and Experiences in Rural Restructuring, Sage Publications Ltd, London, 299 p.
- WOODS, M. (2011). Rural, London, Routledge, 352 p.
- WOODS, M. (eds.) (2015). Globalization and Europe's Rural Regions, Ed. John McDonagh, Birte Nienaber and Michael Woods, Ashgate, Farnham, 223 p.

Webgrafia

Novo Aquilégio - [on line] Disponível em <https://www.ics.ulisboa.pt/projeto/o-novo-aquilegio> [acedido em 12 de Março de 2020]

Termas Centro – [on line] Disponível em <https://termascentroblog.pt/a-historia-e-as-lendas-das-aguas-de-longroiva-ja-vem-do-tempo-dos-romanos/>[acedido [acedido em 22 de Setembro de 2020]

Escapadela Rural –[on line] Disponível em <https://www.escapadarural.pt/> [acedido em 27 de setembro de 2020]

All about Portugal – [on line] Disponível em <https://www.allaboutportugal.pt/meda/bem-estar/termas-de-longroiva> [acedido em 27 de setembro de 2020].

Agradecimentos

Agradecemos aos atuais e anteriores responsáveis pelas instalações termais de Longroiva, à responsável do Longroiva Hotel Rural & Termal Spa, às autoridades autárquicas e municipais de Longroiva/Meda e à população local, que muito amavelmente responderam às nossas entrevistas, enriquecendo este texto.